

REFLEXÕES SOBRE OS PARADIGMAS DA PROFISSÃO CONTÁBIL

Carlos Alberto Serra Negra
Professor e Pesquisador do ICMG

*Pretende o presente texto efetuar
uma visão histórica e analítica
dos principais padrões de comportamento
e de ciência que nortearam a atividade
da profissão contábil.
Utilizando-se para esta exposição
o conceito de paradigma proposto
por Thomas S. Kuhn,
conseguimos traçar um quadro referencial
entre os modelos profissionais
que predominaram por toda a história
da ciência contábil,
da pré-história aos nossos dias.
Concluimos com a indicação
de um novo paradigma que,
por certo,
norteará o próximo milênio.*

1 INTRODUÇÃO

Dificilmente alguém que fosse escrever sobre qualquer profissão não estaria tentado a começar pela fábula do pedreiro. Conta esta estória que um homem vendo dois pedreiros trabalharem perguntou-lhes o que faziam. O primeiro respondeu que estava colocando tijolo sobre tijolo interligados por uma argamassa; já o outro, para seu espanto, respondeu-lhe: estou construindo uma Catedral!

Esta situação leva-nos a refletir sobre qual é a visão que temos de nossa profissão. Na maioria das vezes as pessoas ficam numa situação dual sobre este processo visionário da profissão. Enquanto uns possuem a visão da profissão em termos de processo (o que e como se faz), outros possuem a visão de resultado (para que se faz).

A profissão contábil, é sem dúvida nenhuma, uma das mais antigas da terra, tanto quanto os matemáticos e os astrônomos. Esta constatação foi feita por Sá (1997, p. 12).

“A História da Contabilidade, pois, percorre milênios, participando das diversas modificações sobre o uso da riqueza e dos recursos sobre os meios de registros. O aparecimento das cidades, a estrutura dos Estados, do Poder Religioso, o surgimento da moeda, a concentração de riquezas, a divisão do trabalho, o domínio dos mares, a expansão comercial, a Revolução Industrial, a descoberta do papel, a revolução científica, a informática, todos esses fatores alteraram e continuam alterando a história dessa ciência do patrimônio”.

Da mesma forma que na história, cada profissional contábil define sua profissão de um modo diferente. Alguns vêem nela apenas o seu lado de processo, julgado-a como uma mera técnica, outros a vêem como resultado, julgado-a, como merece, como ciência.

Como não havia de ser diferente a finalidade principal da atividade da profissão contábil também teve que passar por diversas fases, alterando suas crenças e valores, modificando seus serviços para atendimento aos seus clientes. São estas visões que haveremos de efetuar algumas reflexões.

2 CONCEITOS E RELAÇÕES SOBRE PARADIGMAS

O conceito de paradigma aplicado às Ciências foi proposto na obra “A Estrutura das Revoluções Científicas” de Thomas S. Kuhn quando esboçava sua tese de História da Ciência. Ele se defrontava com problemas relativos às diferenças metodológicas, comportamentais e epistemológicas entre as comunidades científicas. A tentativa de descobrir a fonte dessa diferença levou-o ao reconhecimento do papel desempenhado na pesquisa científica por aquilo que chamou de “paradigmas”.

Considera Kuhn (1997, p. 13) como paradigmas:

“as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”.

Deste amplo conceito se verificou uma série de inter-relações que esboçam particularidades da construção *sine qua dia* deste modelo. Alguns dos quais se encontram abaixo especificados.

No seu uso estabelecido, um paradigma é um modelo ou padrão aceito. Dessa forma podemos determinar que os primeiros paradigmas estáveis do homem surgiram na pré-história com a Matemática, a Astronomia e a Contabilidade.

Quando um cientista ou profissional considerar algum paradigma como certo, não tem mais necessidade, nos seus trabalhos mais importantes, de tentar construir seu campo de estudos a partir das premissas básicas e justificar o uso de cada conceito introduzido. Nesta explicação o paradigma funciona ao permitir a reprodução de exemplos.

Os paradigmas forçam a comunidade científica ou profissional a rejeitar uma teoria anteriormente aceita em favor de uma outra incompatível com aquela. Como consequência cada episódio vivido pelas pessoas que fazem uma determinada ciência produz uma alteração no que deveria ser considerado problema a ser resolvido e nos padrões pelos quais a profissão determina o seu novo *status quo*.

Quando duas escolas de pensamento se confrontam, existem circunstâncias nas quais dois paradigmas podem coexistir pacificamente nos períodos pós-paradigmáticos. A simples posse de um paradigma não é um critério suficiente para a transição de um período para o outro.

A transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução, é o padrão usual de desenvolvimento de ciência amadurecida. Como todos os fatores ambientais significantes possuem impactos sobre a riqueza do homem, sempre que tais eventos surgem, passos também são dados à frente, no constante progresso da contabilidade.

O novo paradigma implica uma definição nova e mais rígida do campo de estudos. Aqueles que não desejam ou que não são capazes de aco-

modar seu trabalho a ele têm que proceder isoladamente ou unir-se a algum grupo que pensa da mesma maneira.

Na ausência de um paradigma ou de algum candidato a paradigma, todos os fatos que possivelmente são pertinentes ao desenvolvimento de uma determinada ciência tem a probabilidade de parecerem igualmente relevantes.

Devemos reconhecer que certos paradigmas são muito limitados, tanto no âmbito como na precisão, quando de sua primeira aparição, motivo pelos quais os paradigmas científicos mais antigos perduraram milhares de anos, ao passo que nas últimas décadas muitos paradigmas duram apenas alguns poucos anos.

Por outro lado, na ciência, um paradigma raramente é suscetível de reprodução. Tal como uma decisão judicial aceita no direito costumeiro, o paradigma é um objeto a ser melhor articulado e com maior precisão em condições novas ou mais rigorosas. Os paradigmas adquirem seu *status* porque são mais bem sucedidos que seus competidores na resolução de algum problema que um grupo de cientistas ou profissionais reconhece como graves.

Quando os profissionais começam a comportar-se de maneira diferente e a natureza dos problemas mudam eles terão que resolver problemas que mal poderiam ter imaginado e cuja solução nunca teriam empreendido sem o comprometimento com um novo paradigma

Não há de se confundir, entretanto, entre o paradigma da Ciência com o paradigma da Profissão. Embora entrelaçados, às vezes, diferem em extensão e forma. Enquanto no paradigma da ciência um anula o outro, no paradigma da profissão eles, muitas vezes, são complementares. É o caso mais específico da contabilidade, que apesar de influenciar fortemente um grupo de profissionais contábeis, muitos ainda estão em paradigmas já ultrapassados.

3 O PARADIGMA DO REGISTRO

O aparecimento da Contabilidade e respectivamente de um profissional que se dedicasse a este campo do saber e da Ciência remota aos tempos da pré-história. Pesquisadores da história

da contabilidade de todo o mundo nos fornecem provas irrefutáveis de tal afirmação.

Historiadores como Vicenzo Masi em suas obras *La ragioneria nella preistoria e nell'antichità* e *La ragioneria nell'età medievale*, Federigo Melis com sua obra *Storia della ragioneria* e Antonio Lopes de Sá com suas pesquisas em *História Geral e das Doutrinas de Contabilidade* (Apud Sá, 1997, p. 20-22) admitem que uma História da Contabilidade deve iniciar-se a partir de 20.000 anos atrás.

As primeiras inscrições dos homens pré-históricos nos mais diversos sítios paleontológicos demonstram uma prática de esculpir em pedras um desenho (qualidade do objeto) e riscos (quantidade do Objeto). Admite-se que a maioria dessas inscrições eram referencias de bens de um homem ou de um grupo. Dessa forma nasce a conta contábil como representadora de bens patrimoniais evidenciando suas qualidades e quantidades.

Esta proposição encontra respaldo nas palavras de Florentino (1971, p. 17).

“constituindo-se a Contabilidade em um sistema de registro das alterações sofridas por determinado patrimônio em determinado tempo, admite-se, teoricamente, que qualquer tipo de registro que possa apresentar um resultado seguro na apreciação do valor patrimonial, pode ser aceito e pode subsistir”.

Este passa a ser o primeiro paradigma de nossa profissão: a dos registros contábeis e perdurará por milhares de anos, sendo sustentado pelo desenvolvimento humano, desde o aparecimento da escrita cuneiforme, passando pela criação da moeda, dos tributos e do processo de substituição do escambo.

A escrita contábil como precursora da escrita comum, traz em seu sistema básico duas fases distintas. Da era pré-histórica até por volta do século XV registrando os atos e fatos patrimoniais por um sistema de partidas simples (utilização de conta única para cada objeto e distinta em seu registro). Do Século XV até nossos dias, com a introdução realizada pelo Frei Luca Pacioli em 1494 através da sua obra *Summa de arithmetica, geometria, proportioni et proporcionalitá*, o sistema denominado de partidas dobradas (utiliza-

ção de duas contas para registro simultâneo de causa e efeito, tecnicamente de débito e de crédito).

Em sua obra "Contabilidade Básica" o Prof. Nelson Gouveia (1993, p. 1) define Contabilidade como:

"um sistema muito bem idealizado que permite registrar as transações de uma entidade que possam ser expressas em termos monetários, e informar os reflexos dessas transações na situação econômica-financeira dessa entidade numa determinada data" (grifo do autor da obra).

Para Mathews (1974, p. 3) o conceito de contabilidade se restringe também à sua função de registro nos seguintes termos:

"La contabilidad comprende el registro sistemático, el resumen y la interpretación de operaciones y actividades económicas".

A importância do registro, na contabilidade e logicamente como função primordial neste paradigma profissional é caracterizado pela importância que assume o registro no sistema contábil. É a partir dele e com o emprego de documentos que provamos a veracidade das transações ocorridas, com possibilidades de reconstituir, com detalhes transações de anos anteriores.

Entendemos hoje porque este foi o paradigma que norteou o nascimento da atividade da profissão contábil. Em um mundo de incultos, a detenção de uma cultura e sistema que permitisse o rastreamento histórico de uma ou mais atividades mercantis e que informava sobre a riqueza das pessoas era, sem dúvida nenhuma, um conhecimento de alto nível, guardado por umas poucas pessoas.

Logicamente esta atividade primordial era circularizada por outras atividades. A bem da verdade, a partir do registro, o profissional contábil conseguia efetuar o controle do patrimonial pessoal e empresarial e a demonstrar esta realidade através de informes contábeis, muito embora que, na visão do profissional contábil e daqueles que lhes contratavam o serviço, sua principal função era a do registro contábil.

A função registro da contabilidade por sua vez é bastante complexa, envolvendo regras e convenções contábeis que devem ser seguidas para se obter um resultado fidedigno. Leite (1992, p. 17) conta a seguinte estória para exemplificar esta situação:

Conta-se que havia um contador muito considerado por seus colegas de trabalho pelo extraordinário conhecimento da Ciência Contábil. Havia, entretanto, uma característica no comportamento deste contador que ninguém conseguia explicar: todas as manhãs, ele chegava pontualmente à sua mesa de trabalho e, cuidadosamente, selecionava uma chave em seu chaveiro de prata e abria uma das gavetas de sua mesa olhando atentamente para seu interior durante algum tempo. A seguir esta gaveta era fechada e o contador conferia várias vezes se ela estava realmente trancada. Terminado seu ritual, ele iniciava o seu trabalho, ostentando discretamente seu reconhecido saber contábil e sua firmeza de decisões.

Seus colegas de trabalho se intrigavam com aquela rotina matinal, que, dia após dia, era absolutamente invariável. Todos tinham teorias a respeito do que havia no interior daquela misteriosa gaveta. Alguns juravam tratar-se de foto de uma namorada secreta do contador, paixão antiga que era por ele curtida, apesar da vigilância de sua esposa. Mas ninguém tinha realmente certeza do que poderia estar ali tão zelosamente guardado durante tantos anos.

Certo dia o velho contador faleceu repentinamente. A primeira idéia que veio à cabeça de seus colegas foi arrombar a gaveta e desvendar o mistério. Na realidade, a descoberta foi desconcertante: dentro da gaveta havia um pedaço de cartolina onde estava escrito com caligrafia impecável a seguinte frase: "O débito é do lado da janela".

Neste nosso exemplo, nosso companheiro além de seguir o paradigma, tão importante da época, que era o do registro, acabou criando um

paradigma somente para ele, que fazia com que seu trabalho fosse executado com eficiência.

4 O PARADIGMA DO CONTROLE

Como conseqüência da Revolução Industrial e da possibilidade de se beneficiar da economia da produção em escala, tornou-se necessário para os proprietários de empresas do século XIX direcionar seus recursos financeiros para seus processos de produção. Na tentativa de obter máxima eficiência de seu capital estes passaram a exercer rígido controle sobre seus gastos e custos. Os profissionais contábeis da época se concentravam nos custos de transformação, necessitando de produzir controles e indicadores sintéticos, como custo horário ou custo por produção. Estes incluíam basicamente mão-de-obra e matéria-prima.

O início do século XIX surgem as obras de Frederick Winslow Taylor "Princípios de Administração Científica" e de Henri Fayol "Administração Industrial e Geral" desenvolvendo uma escola de administração científica (Chiavenato, 1983, p. 33-71), cujo arcabouço principal era o do controle das organizações.

As origens da abordagem clássica da Administração remontam às conseqüências geradas pela Revolução Industrial e que poderiam ser resumidas em dois fatores bastante genéricos: primeiro, o crescimento acelerado e desorganizado das empresas, ocasionando uma gradativa complexidade na sua administração e exigindo uma abordagem mais científica e mais apurada que substituísse o empirismo e a improvisação até então dominante. Segundo, a necessidade de aumentar a eficiência e a competência das organizações no sentido de obter o melhor rendimento possível dos seus recursos e fazer face à concorrência e competição que se avolumavam entre as empresas.

A intensa atividade empresarial forçará uma mudança de paradigma da profissão contábil. Sua importância para atender aos novos clientes das organizações emergentes passará do registro para o controle.

Nesta fase Administração e Contabilidade andam passo a passo no sentido de estabelecer formas e padrões de controle eficientes de modo a

permitir a manutenção e crescimento das organizações.

O paradigma do controle foi tão forte que segundo Hermann Jr. (1978, p. 47) por ocasião do I Congresso Brasileiro de Contabilidade a corrente controlística conseguiu aprovar a seguinte definição da nossa ciência:

"Contabilidade é a ciência que estuda e pratica as funções de orientação e de controle, relativas aos atos e fatos da administração econômica" (grifo do próprio autor).

Esta definição, enraizada numa escola de pensamento contábil, cuja origem atribui-se ao italiano Fábio Besta, denominada de Controlismo, exerceu forte influência no Brasil e no mundo, fazendo com que a função exercida pelo contador se tornasse mais importante a partir do controle aziendal.

Esta mudança de paradigma foi ocasionada pela forte influência do "controle" na vida das pessoas já no início do século XX. No que tange a aspectos organizacionais os fenômenos relacionados com a formação de custos, com a realização de receitas e com equilíbrio financeiro e os que provocam variações patrimoniais são objetos de operações de controle.

Logicamente a adoção deste novo paradigma não descartou o paradigma anterior em termos de atividade profissional. Os profissionais contábeis continuaram a fazer registros, porém o campo da finalidade do profissional mudou de direção, prevalecendo agora os mecanismos de controle como os mais importantes.

Embora sabemos que o controle deriva do registro contábil, a mudança de atitude em se dar mais importância a este, auxiliou no desenvolvimento da Ciência Contábil, tanto da parte prática quanto na teórica. Ricas teorias contábeis nasceram a partir deste período pela discussão da dualidade entre registro e controle.

5 O PARADIGMA DA CONFIANÇA

Apesar do Controlismo ter tido bastante influência na Ciência e na Profissão contábil, seu paradigma foi de curta duração. Já por volta de 1920 face as mudanças que se verificavam no

mundo após a primeira grande guerra, nossas atividades profissionais passaram a sofrer, novamente, influência dos novos tempos, e por isso mesmo, alterar seu quadro de importância.

Valho-me de um episódio e de uma expressão do senso comum para explicar esta nova transformação na profissão contábil. Nesta fase já se caracterizava o registro e o controle como elementos primordiais de nossa profissão. A relação entre cliente e profissional contábil era de estreita e podemos dizer de íntima confiança.

O episódio a que me referi é o do lendário *Al Capone*. Para Capone o homem mais importante era o seu contador. A história provou ser verdadeira, porque sua prisão só foi conseguida a partir dos depoimentos e dos livros contábeis que estavam em poder de seu contador.

Aspectos econômicos de todo o mundo na época dão conta do estado de confiança entre contador e empresário. Cabia ao profissional contábil a guarda e o sigilo das informações dos livros contábeis, daí surgir, na época, a expressão **guarda-livros** para os contadores. Se lembrarmos do caos econômico do pós queda da Bolsa de Nova Iorque, haveremos de compreender porque o sigilo de informações eram importantes. Este sigilo só é estabelecido quando há entre profissional e cliente um clima de bastante confiança.

Esta nova concepção da atividade da profissão contábil elevou nosso *status* entre os demais profissionais da época, pois além de termos uma tecnologia de processo de registro e controle ("caixa preta" para muitas pessoas), passamos a ser os que detinham e utilizavam das informações gerenciais de todas as organizações e instituições.

Numa época em que a competição empresarial e governamental eram intensas, as informações eram tidas como prioritárias, capazes de eliminar empresas e destituir governos. Nesta época floresce a espionagem industrial, onde a tônica era a obtenção de toda gama de informações do concorrente para eliminá-lo. Neste contexto as informações contábeis ganharam vulto e prioridade.

6 O PARADIGMA DA OBRIGATORIEDADE

A obrigatoriedade de escrita fiscal no Brasil remota ao Código Comercial datado de 1850 e

promulgado por D. Pedro II. Foi a partir dele que se configurou uma série de atributos de legislação, onde a profissão contábil tinha, que também, fornecer informações para os erários públicos.

Em muitos outros países do mundo também por essa época se verificaram esta obrigatoriedade, embora tenha sido relegado como importante pelos profissionais contábeis, haja vista que seu trabalho primaz era para com as empresas e não para o governo.

Entretanto nas últimas três décadas os governos de quase todos os países, frente ao estado de sonogação vigente, frente a veracidade de tributar como forma de equilibrar as finanças públicas, passaram a exigir uma parafernália de documentos, e informes, que o profissional contábil teve seu trabalho dobrado, se quisesse apresentar relatórios para as empresas e outros para o fisco.

Dessa forma, muitos optaram por fazer contabilidade para o fisco, reduzindo sua carga de trabalho, e em contrapartida, deixaram de produzir informes para o processo de tomada de decisão gerencial.

Por ocasião do XIV Congresso Brasileiro de Contabilidade o Prof. Ivan Carlos Gatti, então presidente do Conselho Federal de Contabilidade expôs muito bem a situação vivida pelo profissional contábil nesta situação se referindo que:

"O governo quis fazer do profissional da contabilidade um empregado seu para atender aos interesses e conveniências da tributação. Usando o poder, conseguiu sobrepor a Contabilidade Fiscal à Contabilidade Comercial. Essa inversão levou o empresariado a pensar ao contrário: ao invés de ver na contabilidade importante bússola para navegação da empresa, habitou-se a considerá-la apenas como controladora de tributos, subestimando-a como elemento de controle e de informações gerenciais".

Para muitos empresários e profissionais este ainda é um paradigma válido. O profissional contábil só existe porque a contabilidade é obrigatória e por causa das imposições de legislação fiscal.

7 ATUAL PARADIGMA: DA INFORMAÇÃO GERENCIAL

A partir do desenvolvimento econômico, verificado após a década de setenta deste século, vivido pelas nações e com o crescente processo de globalização da economia, as empresas se viram às voltas com um novo modelo de gestão administrativa, onde a mudança é imperativa aos negócios e algumas vezes deve ser até provocada, como aconteceu com o caso das Reengenharias. Este ambiente econômico contemporâneo exige excelência dos sistemas corporativos de contabilidade gerencial.

Se antes a informação contábil era de caráter bastante sigilosa, nos novos tempos acontece o contrário. Hoje as informações tem que ser difundidas e transparentes para que todos os seus usuários possam tomar decisões.

Historiadores demonstram que informações contábeis tem sido preparadas há centenas de anos, mas a demanda por informes contábeis gerenciais, principalmente sobre transações internas das organizações, é um fenômeno bastante recente.

Dessa forma a atividade principal do profissional contábil da atualidade é a produção de informações para os seus usuários. Este paradigma não destruiu os demais, mas constitui um processo normal de evolução da Ciências Contábeis.

Este fato pode ser comprovado pelo conceito atual que temos de contabilidade, aceito pela maioria dos autores e pesquisadores, como sendo a Ciência que registra, controla e estuda o patrimônio com a finalidade de fornecer informações aos seus usuários para a tomada de decisões.

Esta definição contempla três dos cinco paradigmas da profissão contábil tratados até aqui, sendo eles: o registro, o controle e a informação gerencial.

Esta coexistência de paradigmas também havia sido constatado por Kam (1990, p. 489):

“Na prática contábil a teoria convencional tem assistido a numerosos ataques até agora, apesar de terem sido feito modificações pouco a pouco. Na pesquisa contábil, um número de paradigmas estão concorrendo uns com os outros, com

ninguém em particular aparecendo como vencedor até agora. Se as pesquisas não podem concordar com um único paradigma, então a Contabilidade é uma disciplina multiparadigmática por muitos anos por vir”.

Este paradigma tem norteado tanto a profissão contábil quanto a Ciência Contábil. Em nossos cursos de ensino superior, a temática preestabelecida é do ensino da Contabilidade para fins gerenciais.

8 CONCLUSÃO: O PARADIGMA PARA O PRÓXIMO MILÊNIO

A obsolescência dos sistemas de contabilidade, e por extensão da de custos e gerencial, torna-se particularmente desfavorável ao processo de decisões gerenciais no quadro da competição global da atualidade.

A consequência de custos inexatos de produtos, sistemas contábeis deficientes no controle de processos e avaliação de desempenho interno das organizações, tem levado a muitos profissionais, pesquisadores e empresários a repensar a contabilidade para os próximos tempos.

Tomemos por exemplo a diferença de evolução tecnológica ocorrida nesta última década com referência à máquina (*hardware*) e os sistemas contábeis (*softwares* de aplicação). Enquanto os *hard's* se multiplicam em avanço tecnológico numa velocidade surpreendente (veja a diferença de anos que há entre o PC-XT para o 286, deste para o 386 e assim por diante até os dias atuais com o Pentium III), os *softs* corporativos na área contábil tiveram muita pouca inovação (no Brasil os incrementos foram em virtude das mudanças constantes da moeda e do instituto da correção monetária).

Comungam dessa opinião os professores Kaplan, Johnson (1993, p. 1) afirmando que:

“Atualmente, as informações de contabilidade gerencial, condicionadas pelos procedimentos e pelos ciclos do sistema de informações financeiras das organizações, são atrasadas demais, agregadas demais e distorcidas demais para que sejam relevantes para decisões de planejamento e controle gerencial”.

Os informes da contabilidade são de pouca importância para gerentes operacionais no seu desempenho de reduzir custos e melhorar a produtividade. Quando nos referimos à redução de custos e na melhoria da produtividade estamos falando da ação de gestão de todos os gerentes da organização, inclusive o gerente contábil.

Ao aproximarmos do século XXI surgem novos conceitos que embora não mantenham relação direta entre si, conduzem-nos a uma perspectiva de qual será o paradigma do profissional contábil para o próximo milênio. Trata-se dos conceitos de *Accountability* (não há correspondente em nossa língua) e o da prosperidade da célula social.

Por *accountability* devemos entender um conjunto de atividades do profissional contábil que tem por finalidade a prestação de contas dos atos dos gestores das empresas a todos os níveis de usuários. Isto faz antever que conceitos como cidadania e ética devem prevalecer como princípios de conduta do profissional contábil.

O conceito de célula social foi exposto pelo Professor Dr. Antônio Lopes de Sá em sua obra *Teoria da Contabilidade Superior*. Se entende como célula social todas as relações endógenas e exógenas que interferem no patrimônio das empresas. Dentre as inúmeras variáveis que o mestre mineiro consagrou, uma é bastante relevante para nossa exposição, trata-se da Teoria da Prosperidade.

Ao evidenciar as relações de sua teoria da prosperidade cria-se, ao meu ver, condições para estabelecer um novo estado paradigmático. Sá (1994, p. 235) nos mostra que:

“Uma teoria de prosperidade das empresas entendendo, é a máxima significação porque tem como objetivo a ‘eficácia constante’, meta ideal para ‘utilidade da riqueza’, através do conhecimento racional de seu comportamento. O conhecimento contábil tem condições de dar ao homem o grande benefício de ‘saber utilizar racionalmente a riqueza’ de modo que, assim, possa, ao máximo, dela tirar proveito, no atendimento de suas múltiplas necessidades”.

Ambos os enfoques contemplam o que esperamos do profissional contábil para o próximo milênio que poderá ser reduzido a uma frase de um novo paradigma que estará nascendo: a nova função do contador é auxiliar as empresas a ganharem dinheiro.

Logicamente que esta nova concepção da função do contador deverá ser norteada por dois princípios básicos que é a realização de suas atividades dentro da mais rigorosa ética e que haja uma distribuição da riqueza gerada pelas células sociais. Afinal de contas, é isto que espera a humanidade de nós, profissionais contábeis.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHIAVENATO, I. *Introdução à Teoria Geral da Administração*. 3.ed. McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- FLORENTINO, A. M. *Teoria Contábil*. Rio de Janeiro: FGV, 1971.
- GOUVEIA, N. *Contabilidade básica*. 2.ed. São Paulo: Harbra, 1993.
- HERMANN JR., F. *Contabilidade superior*. 10.ed. São Paulo: Atlas, 1978.
- KAM, V. *Accounting theory*. 2.ed. New York: Wiley, 1990.
- KAPLAN, R. S., JOHSON, H. T. *Contabilidade gerencial*. Rio de Janeiro: Campus, 1993.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- LEITE, H. P. *Contabilidade para administradores*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- MATHEWS, R. *Contabilidade para economistas*. Madrid: Aguilar, 1974.
- SÁ, A. L. *História geral e das doutrinas da contabilidade*. São Paulo: Atlas, 1997.
- *Teoria da contabilidade superior*. Belo Horizonte: UNA, 1994.